

II Encontro de Arquivos Pessoais e Cultura

Tema 3 – **O direito à intimidade: acesso, limites e parâmetros**

Título do trabalho: **O PESQUISADOR NAS MARGENS DO PAPEL**

O PESQUISADOR NAS MARGENS DO PAPEL

RESUMO

Estar diante dos rascunhos e sobras da oficina do escritor é sempre a oportunidade de descoberta e valoração da fortuna crítica do artista. Pelo arquivo, é possível perceber a intencionalidade do autor quanto ao desejo de tornar a escrita pública, a imposição dessa escrita e a responsabilidade do pesquisador de saber trazer à tona o material instigante do processo criativo. Desse modo, o trabalho propõe uma reflexão sobre a experiência do pesquisador que tem em mãos os manuscritos, rascunhos e esboços do processo de criação. Por meio do contato com arquivos de três escritores que têm acervo no Arquivo de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa: os originais de *Explorações no Tempo* de Cyro dos Anjos, organizados por Plínio Doyle; os detritos de escrita de Lúcio Cardoso, feitos após o AVC, traços que marcam a trajetória do escritor com a doença e os diários inéditos de Walmir Ayala, importante material para entender sua obra de ficção

Palavras-chave: Arquivo. Memória. Pesquisa. Escrita

A história vai deixando marcas, sobras, pedaços do que foi vivido. É provável que nas gavetas dos escritores ainda estejam os rascunhos e recortes de livros que se tornaram clássicos pela crítica e pelos leitores. Assim, percebe-se que a preservação do processo de criação do artista é uma prática que deixa claro o apego à construção da escrita e o desejo de arquivamento desse processo. E, sendo a escrita pública, o escritor, de maneira sutil, quer que o leitor também conheça a trajetória da obra. Possivelmente ele deseja deixar os resquícios e as rasuras para um olhar meticuloso, capaz de trazer à tona o processo perturbador e brilhante de uma obra.

O pesquisador é aquele que reconhece a caminhada e a amplitude diária, que observa os desgastes, os apelos e as curiosidades de um trabalho criativo. E não se satisfaz com o acabado, ele quer observar a partida. Gosta dos pedaços, dos recortes, das dobras da página, das letras ilegíveis de cantos da folha, das marcas d'água, caixas de papelão, pastas com folhas avulsas, inventários... o pesquisador precisa debruçar nos arquivos para contentar-se e contentar o artista que os guardou. É um desbravador, é um arqueólogo montando o processo de criação do artista.

Dessa forma, o pesquisador vê-se diante de surpreendentes histórias. Nesse trabalho, destacam-se três autores que deixaram preciosidades em seus guardados. Os materiais que se encontram nas caixas e pastas devidamente catalogadas no inventário do escritor Lúcio Cardoso, manuscritos encadernados da obra memorialista de Cyro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, e o diário inédito *Sangue na boca*, de Walmir Ayala.

Lúcio Cardoso foi um artista irreverente e entusiasta da escrita de diário como gênero híbrido a ser tentado, o escritor deixou registradas as paixões e os desafios de viver. Nessa jornada com a experiência, Lúcio Cardoso chegou a limites que o corpo não pôde mais aguentar

e respondeu-lhe com um grave acidente vascular cerebral. O artista conviveu seis anos com a doença, lado direito paralisado e sem fala, sua biografia registra uma produção até 1962, quando foi acometido pelo AVC. Para o pesquisador, fica a indagação: como um escritor que mantinha uma relação tão visceral e em cumplicidade com a escrita viveu ao longo desses seis anos? Como não transcrever uma experiência tão arrebatadora?

E, na procura por respostas, além de conversas com os amigos e familiares, vai ao inventário do escritor para sondar tudo o que pudesse encontrar pós-AVC. No capítulo DIVERSOS, do Inventário, lê a referência LC 09 d – 377 – “Exercícios de ativação mental e foniatria feitos por LC”. O pesquisador se espanta, ali estão cadernos, blocos, folhas dispersas de uma história de seis anos de um escritor que procurou, à maneira própria do corpo, registrar sua experiência.¹

Os caminhos para os limites do corpo e da escrita fizeram Lúcio Cardoso re-iniciar, inúmeras vezes, o processo de busca de “saúde” intelectual e artística. E contraria, dessa forma, as diversas afirmações de que seu corpo, debilitado pela doença, impediria o escritor de se expressar através da escrita:

A corporeidade da escrita cardosiana produz o efeito apaixonado de uma dicção excessiva, que parece não se deter, num impulso irreprímível que não cessa de escrever, exatamente por não encontrar o seu ponto de basta. Parece que esse ponto se deu mesmo no próprio corpo do autor, atingido pelo derrame que provocou sua afasia e hemiplegia (BRANDÃO, 1998, p. 31).

As novas experimentações no campo escritural – os exercícios de foniatria, os detritos de escrita em blocos e cadernetas - compõem uma jornada no coração da experiência, não exploram a linguagem em suas riquezas, mas em seus limites, nos seus pontos de fuga, forçando-a a alcançar o que está além de suas possibilidades, na outra margem, no limiar. A escrita vai proliferando na velocidade do devir, a não mais poder, votando-se a si mesma, com a legitimidade da experiência.

Corpo e escrita em Lúcio constantemente se fundiram; ele que sempre registrou o devir de novos corpos e novas experiências, sabia que, na doença, tornava-se mais do que necessário o registro do cotidiano que sempre escapa. “Extraordinário cotidiano” que o acompanharia por um tempo que não sabia quanto ia durar e precisava ser revelado. As falhas e as lacunas, as fendas e a falta precisavam ir para o papel, garantindo a sua presença, como sempre fora. Escrita-corpo presente, companhia e suporte, que expressa desejos, conflitos, indagações.

¹ Arquivo de Lúcio Cardoso – inventário. I. Rangel, Rosângela Florido, org. II. Leitão, Eliane Vasconcellos, org. III. Título. IV. Série.

Como no *Diário*, folhas ofegantes materializam dúvidas e reflexões que precisavam ser testemunhadas, divididas, lembradas. Trata-se da escrita das marcas, dos “estados inéditos que se produzem em nosso corpo a partir das composições que vamos vivendo. Aberturas de um novo corpo, concluindo-se que as marcas são sempre gênese de um devir”. (ROLNIK, 1993, p.242). A escrita em detrito, o diário em decomposição, sentimentos em prontidão que corroboram a continuidade do trabalho de diarista. Além disso, seu corpo – energia laboriosamente acumulada - faz exigências, reclama a sua potencialidade.

Quando o corpo insiste na sua presença e na sua corporeidade ou identidade corporal, quando delas não podemos nos livrar, quer na doença, quer nas mil armadilhas das formas do corpo (...) quando estamos em plena posse do nosso corpo identitário, então ficamos condenados a habitá-lo e – perversão maior – a amá-lo, talvez.(GIL, Apud, LINS, 2002, p. 146).

Nos novos registros, Lúcio Cardoso vai ao encontro de uma poderosa dimensão: a capacidade de a escrita ganhar os ritmos do corpo confundindo-se com a capacidade do corpo de se tornar expressivo através da escrita. Todos os órgãos do corpo e suas funções vitais, a pele, a respiração, a excitação e a transpiração concorrem para a composição da escrita. As sentenças, as lacunas, os restos, as sobras apresentam-se em letras trêmulas, nervosas, doídas. Não se trata de um jogo de palavras, nem da tentativa de reduzir o corpo a uma dimensão literária, ou a literatura à mera ‘fisicidade’, mas sim, de trazer a experiência para a escrita, provar o sofrimento que é próprio do corpo e deixar no papel as marcas da busca da saúde. Por isso o escritor grita, expande-se, transborda naquela escrita possível, corroborando com suas próprias reflexões: “Indago em vão e sei apenas, com uma triste lucidez, que os desastres não me limitam” (CARDOSO, 1970, p. 23).

O escritor tem consciência de que procurou a doença e não nega sua condição; ao contrário, parece saber que ela é uma consequência, um processo, como pode ser observado abaixo, no centro de uma das folhas de seus blocos: “*Hoje, estou bom – é da doença que procurava...*” No canto direito da mesma folha, demonstra conhecer seu próprio temperamento, sua tendência permanente e irresistível para o limite, escrevendo: “*Eu vou - como sempre*”.

A importância da leitura do pesquisador que se depara com esse material disperso é pensar a respeito de uma escrita que, em princípio, são exercícios e treinos para uma reabilitação de escrita, mas não se pode negar, nas suas marcas, a revelação de um artista latente, independente de todas as limitações, já que “a arte não espera o homem para começar...” (p.123).

Os fragmentos de escrita, as anotações de idéias para obras, as observações circunstanciais que devem substituir a fala (quando esta é incompreensível), as anotações para

lembrança futura correspondem às anotações do diário, tal como eram feitas antes do AVC. No entanto, esses textos (truncados do ponto de vista da correção gramatical e ortográfica) apresentariam um modo radical de inscrever as percepções, movimentos e afecções do corpo na composição da escrita. Nesse sentido, o pesquisador percebe que o diário de Lúcio não teria sido interrompido, mas teve continuidade com um singular estatuto: o da experiência-limite inscrita (materialmente) na atividade escritural.

Outro escritor que prezou pela escrita de diário foi Walmir Ayala. Deixou inédito *Sangue na boca – diário IV* que conta a trajetória de escrita do romance *À beira do corpo*. Nas páginas do diário, fala sobre a construção de uma obra que partiu de sua história pessoal.

O romance de maior relevância, lançado em 1964, é motivo de inúmeras citações em *Sangue na boca – diário IV*: “Tenho um romance acabado e outro começado. Escrevi-os para aprender a perdoar, para encontrar as razões do perdão. Todos os personagens estavam erguidos diante de mim, a espera de um pronunciamento. Para bem de minha alma eu os perdoei, e perdoando me salvei do ressentimento”. (f.46)

O enredo se passa numa pequena cidade do interior gaúcho, a personagem Bianca trai o marido e conta com a cumplicidade da empregada. Mas o adultério é descoberto e o marido lava a honra com o sangue dos amantes. A narrativa traz a realidade da infância e o golpe do passado do escritor. O diarista exprime uma sensação de liberdade e remissão, durante a escrita do livro. Nesse caso, parece funcionar como remédio, o romance é *pharmakon*. Para o pesquisador, estar diante de um texto inédito que apresenta a relação do escritor com a obra é estar diante do desafio da exposição desse trabalho, é querer trazer à tona essa trajetória de construção do romance tão incrustado à história do artista. É trazer para a fortuna crítica as relações de autor e obra, é provocar as análises e reflexões sobre literatura.

Um romance baseado em uma história familiar, com tantos personagens com referências reais e profundamente envolvidos na trama era para desafiar sentimentos, esperar reações, contar com o entendimento da exposição. “Com a editora “Letras e Artes” os originais do meu romance *À beira do Corpo*. E o medo, agora, de lançar o livro, pelas pessoas vivas que nele se reencontrarão, em fatos que gostariam de ver apagados, ou melhor, inexistentes.” (f1102)

A escritora Maria Helena Cardoso, amiga incondicional, quando lê os originais se espanta, repreende-o, entretanto a escrita como uma forma de libertação fazia-se maior, e essa intenção o diarista explicita inúmeras vezes pelas anotações, é pelo diário que justifica sua escolha aparentemente cruel.

Lelena me chama a atenção para a crueldade que seria para com os meus pais se eu publicasse agora o romance que acabo de escrever e que ela está lendo. Na verdade,

não pensei nisto nem quando o escrevia, nem quando o inscrevi num concurso. Publicá-lo foi meu intuito desde a primeira página. Nele procurei transformar uma tragédia humanamente terrível num instante de beleza. Situei a fatalidade do pecado e da penitência. No entanto, Lelena coloca o problema gravíssimo da significação que esta história teria para minha família, ergue a possibilidade de afetar meu pai até a morte. Pouco a pouco Lelena me encarcera num temor que é maior do que o gosto colorido de ter escrito o livro. Tudo que venho escrevendo, tem sido rebeldia, maldição, apelo e advertência. Este livro, especialmente, eu escrevi para me esclarecer, para perdoar e me perdoar, para me curar de um complexo de culpa, ou pelo menos tentar ver as coisas de um ponto de vista mais humano. Será que os outros, aqueles que Lelena quer preservar, se o lessem não se sentiriam também mais aliviados? Mas estou certo de que não lerão, e esta é uma razão a mais para que o publique já. (f190)

É possível observar a relação visceral do diarista com sua escrita literária, que não é apenas o exercício de estrutura, de arte da palavra, mas um processo de salvação para ele. Escreve para respirar, para não morrer, para resistir,

o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. (...) A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde, não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...) mas ele goza de uma frágil saúde irresistível que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis... (p.14).

Em momentos no diário, chega a analisar sua relação com a literatura. Reconhece que seu encontro com a poesia foi extremamente ligado a um processo de conhecimento e aceitação.

Não poderia mesmo me condicionar ao que os outros esperam de mim. Não poderia jamais. Seria como agradar a todos, e há quem faça disso uma profissão bem sucedida, especialmente na literatura. Sou o produto de uma infância trágica. Aos quatro anos assisti a uma tragédia de sangue dentro de minha casa, via a agressão em seu grau mais sórdido e mortal, e isso foi um golpe para a minha inocência. Fui vítima de uma solidão sem nome, refugiei-me na religião. Aí aconteceu a poesia, que era uma forma de me autoanalisar, de liberar toda a reserva de amor capaz de me salvar. Porque, passada a adolescência, comecei a perceber que estava errado, que eu não era vítima de ninguém, senão das circunstâncias. E comecei a recuperar a humanidade, as pessoas. Valorizei a amizade, me reconciliei com meu próximo e fui razoavelmente feliz. A poesia me salvou, sei disso, e não posso tratá-la, ou usar dela como um enfeite social, uma base de vaidade. (f 20)

*Sangue na boca: diário IV*² provoca uma intensa discussão sobre a relação entre autor e obra. E o pesquisador promove essa possibilidade, direciona luz a esse material.

² As citações do *Sangue na Boca (Diário IV)* foram indicadas a partir da numeração das folhas organizadas e encadernadas do diário. Todo esse material está sob os cuidados do crítico André Seffrin, responsável pelo arquivo do escritor.

Os arquivos de Cyro dos Anjos também foram doados ao Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Tais documentos fazem parte da preservação de um material que permite ao pesquisador conhecer e divulgar todos os ângulos da obra e da vida do autor presentes nessa gênese textual.

Em suas memórias, Cyro dos Anjos associa os procedimentos da escrita de si ao esforço de um arqueólogo. Para ele, o memorialista trabalha “do mesmo modo como o arqueólogo, por um torso de estátua ou mediante algum utensílio caseiro, consegue vislumbrar civilizações sepultadas sob milênios.” (ANJOS, 1994, p.245) A imagem usada pelo autobiógrafo pode ser transportada para o trabalho do pesquisador em arquivos, pois os planos e rascunhos de uma obra em progresso podem vir à tona do mesmo modo que nas operações arqueológicas se encontram os vestígios aparentemente perdidos. Assim como as camadas superpostas escavadas possibilitam a reconstituição de um passado, na pesquisa em arquivos também se encontra a possibilidade de reconstituição, não apenas do passado pessoal, mas de toda uma experiência de escrita literária.

A pesquisa em arquivos atrai estudiosos do texto literário que também desejam valorizar o texto na sua integridade estética. É nas pesquisas em fontes primárias que são desvendados os bastidores da criação e que se conhece o processo construtivo do autor. Isso só é possível com a valorização e a preservação dos manuscritos e rascunhos das obras literárias, e com a recuperação de todo o material paraliterário existente nos acervos do escritor. O material exposto à pesquisa reveste-se de uma riqueza documental e biográfica que se faz urgente ser preservado a fim de evitar o desaparecimento e a perda de todo um processo de criação autoral, bem como da memória cultural de uma nação.

Nesta vertente dos estudos literários, este artigo observa também os originais, planos e roteiros de *Explorações no Tempo* de Cyro dos Anjos. Estes documentos literários compreendem um vasto material que revela muito mais do que o lado inconcluso e incompleto da criação. Reduto da oficina de criação do artista, os manuscritos compreendem os artifícios do fazer, os caminhos seguidos pelo autor que, certamente, eram cheios de dúvidas e incertezas.

A doação dos manuscritos foi incentivada pelo amigo Plínio Doyle, e foi assim que Cyro dos Anjos entregou, em 22 de agosto de 1975 os originais de *Explorações no Tempo* aos arquivos da Casa de Rui Barbosa.

Relatos de suas memórias de infância, a obra publicada em 1963, mais tarde, em 1979, foi acrescida com os anos da adolescência e do início da juventude. O texto revisto passou a chamar-se *A menina do sobrado*.

Esses originais foram organizados por Plínio Doyle, que pacientemente encadernou boa parte desse material e o organizou em sete volumes. Na época, Cyro dos Anjos considerou uma inutilidade e uma perda de tempo o gesto do amigo, fato registrado pelo escritor nos próprios manuscritos. Cyro dos Anjos considerava que Plínio Doyle estava “gastando tempo e paciência com algo que não tinha valor”.

É nos originais de *Explorações no Tempo*, especificamente no primeiro volume, que Cyro dos Anjos escreve:

Por uma prodigalidade de Plínio Doyle, foram reunidos e encadernados os originais de *Explorações no Tempo* em suas várias fases Plínio os compulsou pacientemente, separando páginas embaralhadas e procurando ordenar as diferentes versões de cada capítulo – e alguns há com seis, oito, dez – a fim de proporcionar, as hipotéticas esmiuçadores de velharias, uma visão de como evoluiu a obra. Não me deixou discutir sobre a utilidade ou inutilidade de tamanho dispêndio de tempo e paciência. Depois, devolveu-os a mim, já metidos numa fina encadernação para que fossem doados ao “Arquivo Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa”. Na verdade o autor da doação é Plínio. Mas, satisfaço-lhe o desejo, figurando como doador. E assim, passo as mãos, ou, melhor, entrego à guarda do Arquivo os esboços de um trabalho que duvido muito venha a interessar à posteridade. (fl.1)

Partindo dos originais da obra em questão, que se encontram alocados no arquivo literário da Fundação Casa de Rui Barbosa, observamos como as anotações, os planos e os roteiros presentes nos manuscritos revelam a evolução de sua escrita, bem como a forma com que ele desejava organizar a sua narrativa autobiográfica.

Nesse acervo encontramos os esboços e cópias de *Explorações no Tempo*, datilografadas e com capítulos reescritos por várias vezes, anotações às margens feitas a lápis, parágrafos riscados, correções a caneta, folhas timbradas coladas por cima de textos que, aparentemente já tinham sido finalizados, mas que parecem que são acrescentadas aos originais. Todos esses textos fragmentados nos colocam diante de um autor que tinha na reescritura uma atividade criadora com movimentos que nos sugere sem fim. Especificando, temos o primeiro capítulo reescrito dez vezes numa atitude de restauração e restituição que revela uma preocupação pela integralidade do texto. Resgatar tal procedimento é integrar ao texto uma gestualidade que parecia perdida, sua dinâmica de transformações, acréscimos e subtrações. É conhecer todas as facetas da obra presentes desde o traço vertical em azul que inutiliza a página datilografada até a escrita a lápis que completa o último parágrafo da folha.

As versões pré-textuais e as anotações marginais feitas pelo escritor abrem caminho para a produção de novos valores. O que o segundo capítulo, que foi reescrito oito vezes e datilografado no papel timbrado do advogado Plínio Doyle, nos quer dizer? Entrar nesses

arquivos é deparar-se com um universo exteriorizado que indaga novas expectativas do leitor. Essa outra visão da literatura considera primordial a relação do escritor com o seu manuscrito. Apesar de não valorizar a entrega dos originais ao acervo, não podemos negar que no gesto de Cyro dos Anjos está contido uma vontade de conservação ou, ainda, a vontade da revelação. Pressupondo que o texto não seja analisado como uma relíquia, mas como um material que busca por um sentido mais amplo que só as operações da escrita tais como elas aparecem nos dossiês genéticos podem relatar.

As diferentes camadas de correções estão à disposição do pesquisador não somente para se fazer ver, ganhando a cena pública, mas também tem a função de suplementar, problematizando a noção de texto definitivo. As cópias repetidas, os papéis timbrados, os vários cadernos, desenhos e rabiscos. Qual o processo do escritor Cyro dos Anjos? Qual o motivo de presentear a amigos com alguns capítulos? O papel colado marca um acréscimo? O estudo genético busca decifrar muito das especificidades do escritor, operando outras análises e interpretações.

Ao permitir vislumbrar a evolução de uma obra e reconhecer que o fluir da escrita é um processo complexo e que toda a estrutura criada pelo autor para desenvolver o seu trabalho fica a descoberto, observamos que há muitas indagações que envolvem o inventário e a análise dos manuscritos.

A partir dos originais datilografados de *Explorações no tempo*, e que contaram com a organização primorosa e cuidadosa do amigo Plínio Doyle, essa abordagem inicial privilegia a divulgação do material contido nos originais e que constituem uma importante fonte para os estudos literários.

Nesse sentido, o arquivo deve ser sempre resguardado, valorizado, discutido, reconhecido, como vemos agora, num Encontro próprio para pensar a respeito do trabalho com a intimidade do autor. Todo artista quer ser lido e estudado, todo artista quer o pesquisador a sua espreita e, para isso, deixa rastros. É importante também que o olhar do pesquisador seja respeitoso e aguçado para poder presentear a crítica e os leitores.

ABSTRACT

To read the sketches and fragments of a writer is always an opportunity to discover and evaluate the criticism of the artist. By consulting his archives, it's possible to perceive the intentions of an author concerning his desire of turning the writings public, the imposition of such language and the researcher's responsibility on reveal the creative process material. In this way, this work propose a reflection on the experience of the researcher that has in his own hands the manuscripts and sketches of that creative process. By contacting archives of three writers

whose originals are in Arquivo de Literatura da Casa de Rui Barbosa: the originals of *Explorações no Tempo*, by Cyro dos Anjos, organized by Plínio Doyle; the Lúcio Cardoso remnant papers, made after an AVC, lines that bold his relationship with disease, and the diaries of Walmir Ayala, great material to understand his fiction.

Keywords: Archive. Memory. Research. Writing

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 1994.

ANJOS, Cyro dos. *Explorações no Tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

AYALA, Walmir. *À beira do corpo*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.

DELEUZE&GUATTARI. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

LAPOUJADE, David. O corpo que não agüenta mais. In: LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio. *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (Coleção Outros Diálogos).

ROLNIK, Suely. “Pensamento, corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/ política no trabalho acadêmico”. In: *Cadernos de Subjetividade – PUC – SP, nº 2, Dossiê Linguagens*, 1993.

SANTIAGO, Silviano. Com quantos Paus se Faz uma Canoa. In: SOUZA, Eneida Maria de et al (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.